

A INFLUÊNCIA DE CRISTINA ORTIZ NO MOVIMENTO TRANSEXUAL NA OBRA “VENENO”, *DIGO! NI PUTA, NI SANTA LAS MEMORIAS DE LA VENENO*

Margarida Maria Araujo Bispo
*Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de
Sergipe (PPGED-UFS).
rainhamargo@hotmail.com*

Maria Helena S. Cruz
*Professora do Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade Federal de
Sergipe (PPGED-UFS).
helenacruz@uol.com.br*

*Simpósio Temático nº VIII – Combinaram nos matar, mas nós combinamos não morrer:
trocas de saberes resistentes.*

RESUMO

O presente trabalho busca demonstrar a luta contra a transfobia empreendida pela transexual espanhola Cristina Ortiz Rodríguez, bem como o preconceito familiar por ela passado. A metodologia empregada nesta pesquisa é a bibliográfica, de cunho qualitativo, com uma perspectiva pós-crítica. Concluo o texto apontando as implicações que Cristina Ortiz Rodrigues passou por ser uma mulher transexual, bem como o estigma da não aceitação da sua feminilidade pelos homens e mulheres oriundas de movimentos de repressão ao patriarcalismo. Para que essas problemáticas pudessem ser abordadas, teóricos como Foucault, Goufman, Laurenttis e Castells foram utilizados como aportes teóricos para uma fundamentação mais aprofundada.

Palavras-chave: Estigma, Feminilidade, Patriarcalismo, Transfobia.

ABSTRAT

This paper seeks to demonstrate the battle against transphobia undertaken by the Spanish transsexual Cristina Ortiz Rodríguez, as well as the family prejudice she experienced. The methodology employed in this research is bibliographic, qualitative, with a post-critical perspective. I conclude the text pointing out the implications that Cristina Ortiz Rodrigues went through for being a transsexual woman, as well as the stigma of not accepting her femininity by men and women from movements of repression against patriarchy. In order for these issues to be addressed, theorists such as Foucault, Goufman, Laurenttis, and Castells were used as theoretical contributions for a deeper grounding.

Keywords: Stigma. Femininity. Patriarchy. Transphobia.

Keywords: Stigma. Femininity. Patriarchy. Transphobia.

INTRODUÇÃO

Assumir a nossa história pode ser difícil, mas não tão difícil como passarmos nossa vida fugindo dela. Abraçar nossas vulnerabilidades é arriscado, mas não tão perigoso quanto desistir do amor e da pertença e da alegria – as experiências que nos tornam mais vulneráveis. Só quando formos corajosos o suficiente para explorar a escuridão vamos descobrir o poder do infinito da nossa luz.

Brené Brown

A epígrafe que abre este trabalho, escrita por Brené Brown, mostra o poder que possuímos em nossa vulnerabilidade e, como, por meio dela, renascemos ao descobrir a força que dela emana, levando-nos, assim, a tentar alcançar nossos sonhos. O texto tem como objetivo refletir sobre a transfobia, “vislumbrada” também em fontes históricas, culturais e bibliográficas, que são integradas com a história da transexual Cristina Ortiz Rodriguez¹, que ganhou notoriedade fora do eixo europeu com a publicação da obra “Veneno”, *digo! ni puta, ni santa las memorias de La Veneno*”, escrita pela também transsexual Valeria Vegas², no ano de 2016, e transformada em série pela HBO em 2020

Ora, a biografia e, posteriormente, a série trazem à tona a violência de gênero vivida desde a infância por Ortiz, episódio comum aos transexuais desde os primórdios da humanidade. *La veneno* é exemplo de luta para os transexuais, na Europa e quiçá no mundo, uma vez que ela problematiza a realidade dos travestis e transgêneros espanhóis em rede televisiva e apresenta ao público os reveses

vividos pela classe, nos programas *Esta noche cruzamos el Mississippi* e *La sonrisa del Pelicano*, ambos na rede televisiva espanhola *Telecinco*. Diante da problemática apresentada por Ortiz, pode-se perceber que as produções culturais abordam temáticas sobre a questão da transexualidade e como estas têm a potência de desnaturalizar e desconstruir regimes de opressão no campo educacional.

As argumentações desenvolvidas pautam-se na abordagem do feminismo transgênero relacionadas e integradas com figuras históricas que lutaram para vencer o preconceito manifesto por homens e mulheres. Erving Goffman, na sua obra *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*, contribui para a reflexão sobre o preconceito a partir da categoria de estigma. Nota-se, ainda, que o pensamento de Goffman (1988), aborda o *estigma* como sendo a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. Ele o usará como referência a um atributo profundamente depreciativo. Todavia, Goffman indica a necessidade de observar que existe uma linguagem de relações e não de atributos, uma vez que o atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem. Portanto, o estigma não é, em si mesmo, nem honroso, nem desonroso.

Diante das palavras de Goffman (1988), nota-se que o estigma é um preconceito arraigado para com a categoria e constitui-se, assim, em um mecanismo eficiente e atuante, cuja lógica pode reverberar em vários pontos da vida de quem o é direcionado. Dentre os muitos preconceitos, vale

destacar que os de gênero, de cor, de classe são os que se destacam por acompanhar o homem desde os primórdios de sua história. Essa realidade os faz ter um lugar tipicamente, mas não exclusivamente, nos espaços individuais e coletivos, nas esferas públicas e privadas. Esses espaços se fazem presentes em imagens, linguagens, nas marcas corporais e psicológicas de homens e de mulheres, nos gestos, nos espaços, singularizando-os e atribuindo-lhes qualificativos identitários, binarismos, hierarquias e poderes diferenciais, diversamente valorizados, com lógicas de inclusões-exclusões, geralmente associados a marcadores de diferença.

Bandeira (2002), em sua obra: Preconceito e discriminação como expressões de violência, deixa claro que o preconceito, usualmente incorporado e acreditado, é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e de exclusão. Nesta linha de reflexão busca-se construir uma ponte entre o preconceito e a violência, formas de discriminação e exclusão relacionados com a população transexual. Tais manifestações de desigualdades são entendidas como sistemas de pertença hierarquizados por universalismos antidiferencialistas e homogeneizações que operam pela descaracterização das diferenças e, por esta via, a hierarquização se expressa em preconceitos. Os alvos da violência escondem-se no próprio sofrimento de pessoas trans sem poder nomeá-lo, denunciá-lo ou compreendê-lo. É perceptível que a metodologia, para mim, faz-se por meio de pergunta, de indagações, de formulações de questões e de construção de problemas de pesquisa

que é articulado a um conjunto de algoritmos de coleta de informações – que em coerência com a própria teorização, prefiro chamar de “produção” de informação –, de forma que se alteram também, e de estratégias de descrição e análise. (PARAÍSO; MEYER, 2012, p.17).

Neste sentido, a proposta metodológica adotada parte da perspectiva pós-crítica que abandona o caráter normativo da pesquisa e busca mostrar que os fenômenos sociais são múltiplos e heterogêneos, sem a intenção de criar teorias ou metanarrativas. Diante do exposto por Meyer (2012), faz-se necessário deixar delimitado que os princípios teórico-metodológicos que fundamentam as reflexões estão ancorados nos estudos de gênero pós-estruturalistas, os quais se afastam das correntes teóricas que propagam o binarismo teoria/prática, uma vez que não há como dar conta das vivências e discursos sem um corpo teórico para se ancorar, assim como sem a prática não se formularia teorias. Louro (1997), em sua obra: *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista*, deixa claro que as pesquisas em educação, por um longo período, tiveram a preocupação de trazer soluções, saídas e propostas para problemas, colocando-se, assim, na posição de quem sabe o que ocorre no chão da escola. Mediante esta realidade, vale ressaltar que a perspectiva da teoria pós-crítica não busca unicamente “verdades”, uma vez que estas são apenas “regimes de verdade”, ou seja, discursos que circulam na sociedade como verdadeiros (FOUCAULT, 2015). Esse pressuposto leva em consideração todos os discursos, incluindo os que

serão objeto da reflexão em torno desta análise, na medida em que essas temáticas propõem o debate, as desconstruções e as desestabilizações de imagens, sejam elas masculinas ou femininas, pautadas principalmente pela heteronormatividade.

As reflexões têm por base fontes documentais histórico culturais, obra bibliográfica e série exibida pelo canal fechado HBO, uma vez que a película apresenta a vida de Ortiz como uma tragédia escrita em três atos: ascensão, derrota e morte. Neste ponto, a biografia de Ortiz em “*La veneno*” revela polêmicas, exclusões sociais, culturais decorrentes desua orientação sexual e, é partindo desta premissa, que fiz a minha pesquisa por entender que estes estigmas devem ser debatidos e expostos a sociedade.

1.1 Preconceito e relações familiares

No contexto familiar, destaca-se a homofobia, a violência de gênero sofrida desde a infância por uma das transexuais mais importantes da Espanha. A mãe de Ortiz cotidianamente rejeitava sua orientação transexual e sufocava os desejos de Joselito, nome de nascimento de Ortiz. Ademais, Adra³, cidade espanhola em que vive a família de Ortiz na Andaluzia, caracteriza-se como muito conservadora.

É possível perceber as facetas da vida de travestis e transexuais que fizeram parte da vida de *La Veneno* e a luta pelo espaço na zona de prostituição - Parque *del Oeste*. Aspoucas, porém verdadeiras amigas de Ortiz, dentre as quais vale

destacar *Paca la Pirãna* e Antonio Crespo são pontos focais na obra, uma vez que a transformação dos corpos perpassa pelos discursos. As mudanças corporais vivenciadas por Ortiz a transformam na mulher que ela sempre fora. Contudo, para a sociedade em que habita, o corpo de Ortiz torna-se um ser abjeto/objeto, uma vez que sua figura feminina é “anormal”, “monstruosa”, contrária às regras impostas por esta mesma sociedade, que transgride as ditas leis na alcova, desde que o mundo fora criado. Foucault (2018) em sua obra *Os Anormais*⁴, quando aborda a noção de monstro, é essencialmente jurídica, uma vez que o monstro é definido pelo fato da sua existência ser intrínseco a si mesmo e não apenas uma violação das leis sociais. Porém, essa violação das leis naturais faz com que ele seja um registro duplo de infração às leis em sua existência mesma. Desta maneira, conclui-se que o monstro é um domínio jurídico-biológico

Na perspectiva de Foucault (2018), a monstruosidade traduz um entendimento mais amplo da visão da sociedade sobre Ortiz e seus pares. A mudança de sexo, seja pela aparência, pela cirurgia de redesignação de gênero ou pelo nome social, é a comprovação de que o/a filho/filha deixou de existir como eles o/a conheceram no nascimento. Para muitos pais, esse novo nascimento não está associado a criança que eles geraram e puseram no mundo, trata-se do surgimento do “monstro” que aparecia esporadicamente em seus pesadelos. No entanto, é o real se apresentando com todo seu glamour.

2 GÊNERO E SEXUALIDADE: O CERCEAMENTO DO CORPO EM NOME DA SOCIEDADE

Precisamos resolver nossos monstros secretos, nossas feridas clandestinas, nossa insanidade oculta. Não podemos nunca esquecer que os sonhos, a motivação, o desejo de ser livre nos ajudam a superar esses monstros, vencê-los e utilizá-los como servos da nossa inteligência. Não tenha medo da dor, tenha medode não enfrentá-la, criticá-la, usá-la.

Michel Foucault

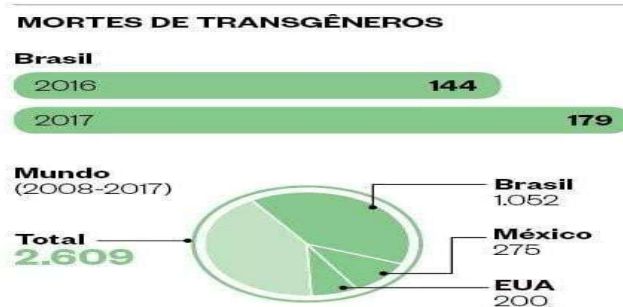
Diante das palavras de Michel Foucault (2018), pode-se perceber que existem monstros que habitam nossos pensamentos e que precisam ser expurgados e enfrentados. Muitos dos monstros que transitam nossa mente podem parecer pequenos e dóceis Gremlins⁵, antes de serem alimentados após a meia-noite. Reza a lenda que meia-noite é o horário que muitos estão esperando que Hipnos⁶ os leve para seus braços. Porém, à espera do Deus do sono, suscita pensamentos que afligem o homem, “monstros” que habitam suas vidas e que em muitos casos tem-se medo de expô-los. Dentre os “monstros” que habitam a vida humana e a sociedade a que pertence, encontra-se o “mostro da sexualidade” e, de maneira mais arraigada, a transexualidade, que é vista de forma abjeta pela sociedade que, com sua relação de poder, estabelece uma construção social em que o chamado terceiro sexo é uma aberração.

Jesus (2012)⁷ deixa claro que a transexualidade nada mais é do que uma questão de identidade, então quando se diz que Ortíz é uma mulher transexual é porque ela se reivindica e se reconhece como tal, assim como o faz os homens transexuais. No entanto, os travestis, apesar de vivenciarem papéis femininos, não se reconhecem como homens ou mulheres, mas como membros de um terceiro gênero ou de um não-gênero, preferindo serem tratadas no feminino e considerando insultuosa a adjetivação no masculino.

O reconhecimento abordado por Jesus (2012) é algo perceptível na sociedade da qual fazemos parte. A luta constante dos transexuais e travestis pelo reconhecimento da identidade de gênero é vista por muitos como “rebeldia” ou “imposição” à sociedade. Na obra de Valentine (2007), fica explícito que o termo transgênero foi forjado pelos ativistas com o intuito de incluir as pessoas que se identificam ou não com o termo. Valentine (2007) diz ainda que as pessoas que não se identificam com o termo não devem ser incluídas no espectro transgênero, tornando necessário, assim, perceber como o sujeito se identifica.

Esse comportamento é um fenômeno hoje em dia muito comum. É notório que a transfobia - nome utilizado para dar conta da prática da violência e exclusão infligida contra travestis e transexuais - é algo muito comum na sociedade. Essa realidade pode ser percebida nos altos índices de mortes violentas que aparecem nas estatísticas mundiais entre 2008 e 2017, um ano após a morte de Cristina Ortiz Rodríguez, como pode ser observado na tabela a seguir:

Figura 1 – Mortes de Transgêneros entre os anos de 2008 e 2017



Fonte: Associação Nacional de Travestis e Transexuais e TransRespect.

A história de Gisberta, transexual brasileira morta na cidade do Porto, em Portugal no ano de 2006, foi lembrada por Cunha e Benevides (2020), no Dossiê: *Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020*, os autores demonstram a realidade vivida pelos transexuais e travestis na Europa e nos demais continentes, o que pode ser visto no fragmento a seguir:

De acordo com o último relatório da Transgender Europe (TGEU) lançado em 2020, que analisa o ranking mundial de assassinatos de pessoas trans pelo mundo a partir dos dados coletados em pesquisas como a nossa no Brasil, 98% das vítimas de assassinatos globais são pessoas que vivenciam o gênero feminino. Esse dado aponta para como o gênero é um dos fatores centrais que colocam essa parcela da população em risco aumentado de violências e de serem vítimas de assassinatos. (CUNHA, BENEVIDES, 2021, p. 15)

Diante da explanação dos autores se pode perceber que a identidade a que as Cristinas e Gisbertas possuem como “suas” não são bem vistas pelos que a circundeiam. Castells (2018), em sua obra *O Poder da Identidade*, deixa claro que a civilização, conforme conhecida historicamente, é baseada em tabus e repressão sexual. Esses tabus

levaram à morte Gisberta e Cristina. Esta última ganhou notoriedade devido ao papel que protagonizou na mídia espanhola. Vale ressaltar que Ortiz usou a sua fama para abordar as violências sofridas pelas transexuais e travestis nos programas *Esta noche cruzamos el Mississippi* e *La sonrisa del pelicano*, transmitidos entre 1995 e 1997 e apresentados pelo jornalista Pepe Navarro⁸. Nesses programas, ela abordava os problemas enfrentados pelas transexuais e, com sua militância, passava a dar visibilidade àquelas que antes eram apenas “toleradas” pela sociedade madrilenha, “Ela” era a *Lilith*⁹ que desvirtuava as boas e castas famílias de Madri.

Essa militância chega ao fim quando ela se envolve num esquema contra a companhia de seguros do apartamento em que morava e é denunciada por seu então namorado, Andrea Petruzzelli. Por ter provocado deliberadamente o fogo que consumiu a residência em que moravam, com a intenção de obter o dinheiro do seguro, foi julgada e condenada a três anos de prisão. Tal denúncia a faz ser presa na ala masculina do *Centro Penitenciario Madrid VI-Aranjuez*, em abril de 2003 com 39 anos, onde permaneceu até 2006. Após sua saída é que lança o livro em parceria com Valéria Vegas (2016): *¡digo! ni puta, ni santa las memorias de La Veneno*.

Em um dado momento de suas memórias, *La Veneno* fala de sua Primeira Comunhão e do rebuliço que causa na Igreja com a adaptação da roupa preparada para o grande dia. Após a performance do então garoto, a sociedade de Adra fica chocada com a heresia. Esse episódio é um dos momentos mais divertidos da biografia e, também, trouxe a lembrança do livro *Os Anormais*, quando Foucault (2018) fala abertamente sobre a religião como sendo o processo opressor do corpo. O então Joselito, ainda pequeno, solta as amarras que prendem seu corpo e vai em busca de sua fé sem o véu da vergonha que encobre a face dos adultos que o cercam.

3 LA VENENO: ARQUÉTIPO DA MALDADE FEMININA, A LILITH AMALDIÇOADA POR SER ELA MESMA

Às vezes eu sinto como se o corpo fosse explodir. do nada. De tanto que me queimam esses olhares incandescidos de ódio e repulsa.

Piê¹⁰

É perceptível a repulsa explícita no fragmento do poema do/a poeta mineiro/a Piê. A dor de seus versos é a dor que acompanha as mulheres transexuais que, assim como

La Veneno, buscaram e buscam seu lugar na sociedade. No entanto, vale ressaltar que esse lugar para os ditos/as anormais – aqui também trago a dor dos homens transexuais – é algo cultural, uma vez que o patriarcalismo não aceita que a mulher seja ela transexual feminino ou masculino ou cisgênero como senhores/ras de seus próprios destinos. Segundo Barbosa (2018), o autor suíço Johann Jakob Bachofen deixou claro em sua obra que destacara, em sua apresentação e de maneira especial, os passos da elevação da espécie humana de estado absolutamente animalesco à cultura do matrimônio. Nisso, ao procurar tornar clara a transformação gradual de “*ius naturale*” a um positivo “*ius civile*” (1861,p.10), a autora continua a citar as concepções de Bachofen com o intuito de demonstrar como a sociedade deixa de ser matriarcalista e passa para a ser patriarcalista, uma vez que a vocação feminina para a religião fez com que as mulheres praticassem rituais a deusa Demeter. Para comprovar esse pensamento de Barbosa (2018), faz-se necessário citar Bachofen (1861) quando diz que no princípio demétrio surge com a violação do mandamento religioso, contraposto e original, que o próprio casamento infligia, no início dos tempos. O autor deixa claro que os historiadores comprovam que a mulher não era para envelhecer nos braços de um único homem, uma vez que fora dotada com os encantos da natureza, logo não há necessidade de restringi-la a apenas um homem, pois é uma divindade.

Um dos mais antigos métodos de castração do poder feminino ocorre quando os romanos invadem a tribo dos Icenos¹¹, após a negação de sua rainha Boudica¹² em entregar as terras que governava ao procurador romano Cato que, ao ouvir sua desobediência, ordena que a rainha seja açoitada e suas duas filhas estropadas. Esse fato desencadeia uma guerra entre romanos e celtas sem precedentes, o que nos faz acreditar que Boudica e suas filhas, naquele momento histórico, lutaram pelos direitos das mulheres em serem reconhecidas como governantes de um povo.

A vida de Boudica nos faz pensar em como a mulher transexual, também, tem que exercer seu feminismo. No entanto, para que esse feminismo possa ser exercido, elas têm ainda de perpassar por outro dilema: serem aceitas como mulheres, pelas mulheres cisgênero. Para Joan Scott (1995), o conceito de gênero é mais útil do que o de sexo para a compreensão da identidade. Diante desse pensamento, entende-se que a vida de Cristina Ortiz foi permeada por inúmeras rejeições, a começar pela própria família que não conseguia dissociar o conceito de gênero, o que a fez sofrer desde a tenra infância por não se enquadrar no padrão de gênero imposto pela sociedade. Ao sair de Adra e traçar seu

caminho como profissional do sexo em Madri, *La Veneno* começa a transformação do seu corpo e, na sua “anormalidade”, passa a dar visibilidade às mulheres transexuais.

Entretanto, os papéis e expressões de homens e mulheres na vida cotidiana, que foram adotados pelos movimentos feministas a partir da década de 70, a fim de demarcar as distinções de cunho social entre homens e mulheres, ainda tendem a subalternizar as mulheres, sejam elas cisgênero ou transgênero, e essa realidade foi atroz para Ortiz, como ainda o é para muitas mulheres transexuais, visto que a aceitabilidade, seja pelas feministas, seja pelos machistas, a mim ainda parece algo a ser negociado.

Nota-se que as mulheres transexuais não recebem o mesmo tratamento dado às mulheres cisgênero, tornando, assim, as mulheres transexuais e as travestis vítimas não só do preconceito, mas, também, pelo sexismo que desencadeia na negação da sua feminilidade. Bento (2011) deixa claro que há uma preocupação latente com a mulher nos últimos anos, porém este não se estende de maneira efetiva para as mulheres transexuais e travestis.

Segundo Foucault (2018,) a feiticeira era, no período medieval, julgada, reprimida, queimada, destruída, pelos mecanismos da inquisição. Ortiz, assim como as bruxas medievais, também foi queimada. Aqui estou falando metaforicamente, pois durante toda a sua vida foi motivo de julgamento e tentativa de castração do seu verdadeiro “Eu”, até ser finalmente destruída por ousar ser ela mesma. Decerto que a vida de *La Veneno* pode ser considerada uma tragédia em três atos, como já fora dito anteriormente, uma vez que cada ato culminava em uma catarse que a fazia ressurgir tal qual uma fênix das suas dificuldades. Todavia, o último ato não a fez ressurgir como antes, a fez partir de um mundo onde as diferenças a estigmatizaram e a tornaram pária para uma sociedade que a julgava por ousar ser diferente. Foi a ousadia em ser diferente que a sentenciou à morte. Ela escolheu lutar, e sua luta permitiu que outras, depois dela, tivessem coragem de afirmar a sua identidade feminina em meio ao caos que hoje impera em vários países europeus.

CONCLUSÃO

Ser trans é cruzar uma fronteira política.
Paul B. Preciado

Para Le Breton (2007), o corpo é existencial, situado e temporal. Segundo o autor, ele passa por processos de ressignificações, produzindo novos sentidos, novas formas de representação, novos discursos, em conformidade com o meio social, cultural e educacional, como bem explanou Preciado (2019) em uma entrevista ao jornal *El País*. A partir dessa fluidez, apresenta-se como objeto problemático à construção dos saberes humanos, tanto em termos de sua definição, como em termos epistemológicos, ao abarcar as mais variadas problemáticas e campos disciplinares, tendo vinculações muito estreitas com a educação.

A busca pela própria identidade fez com que Cristina Ortiz revolucionasse a pequena Adra, na Andaluzia e a Espanha como um todo. A trajetória de *La Veneno* permitiu que outras transexuais pudessem ter a visibilidade que antes não era possível. O carisma e beleza da moça a tornou a queridinha de um país no qual o patriarcalismo possui raízes fincadas profundamente em seu solo. É perceptível a busca pelo reconhecimento enquanto mulher transexual e, acima de tudo, pelo respeito da sociedade da qual fazia parte seja em Adra ou em Madri, local em que viveu até a sua morte violenta. A luta pelo respeito às transexuais passa a ter mais visibilidade na Espanha, graças a sua coragem e determinação.

Para de Laurentis (1987), o espaço conquistado pelos gays e lésbicas, por meio da organização política, foi responsável pela visibilidade da classe LGBTQIA+ nos Estados Unidos e, a posteriori, pode ser percebido em outros países do mundo. Decerto que a globalização foi responsável pela divulgação da realidade vivida pelos norte-americanos. Esse fato chega à Espanha e modifica o pensamento dos gays, lésbicas, transexuais e travestis que faziam parte da sociedade espanhola. Dentre esses protagonistas se encontrava *La Veneno*, que diante de tanto preconceito e violência enfrentados ao longo de sua história, considera o *Parque del Oeste* sua verdadeira casa, algo notável por se tratar de um ambiente considerado, por muitos, tóxico.

A biografia de *La veneno* nos mostra a realidade da vida de transexuais e travestis ao longo de suas sofridas vidas, desde o preconceito concebido pelas famílias extremamente patriarcalistas àqueles preconceitos que são obrigadas a aceitar pelos membros da sociedade por ousarem ser diferentes. A busca pelos direitos que, aos transexuais e travestis ainda nos dias atuais são negados, fez de Ortiz um baluarte na luta contra o preconceito e homofobia. Sua luta e sua vida a tornou uma mulher “perigosa” porque ter visibilidade e poder falar sobre as dificuldades de quem vive às margens da

sociedade a torna poderosa.

É notório, porém, que a intensidade das questões que se apresentam em suas vidas coloca a prova a intolerância que reina e estimula a diversidade criadora. Ortiz teve várias tentativas de assassinatos: na infância quando era chamada de *maricon* e cercada de serela mesma, na adolescência quando começa a se perceber transexual e, finalmente, quando se mostra para todo o país como a guerreira *La Veneno*. Este último ato dá a visibilidade que precisa, mas também é sua sentença final, pois a expõe tornando-a amada e odiada pela “anormalidade” que representa e pelo desejo que desperta em uma sociedade que possui raízes fincadas no patriarcalismo. Este último ato determina o seu fim e dá início à lenda.

REFERÊNCIAS

- BACHOFEN, J. J. **Das Mutterrecht**: eine Untersuchung über die Gynaikokratie der alten Welt nach ihrer religiösen und rechtlichen Natur. Stuttgart: Verlag von Kraiss & Hoffmann, 1861.
- BANDEIRA, L. BATISTA, A. S. Preconceito e discriminação como expressões de violência. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 119- 2002.
- BARBOSA, M. A. *Leitura do Matriarcado de Bachofen*. Santa Catarina: Abralic, 2018.
- BELO, T. P. **Boudica e o uso de sua figura feminina**. *Arqueologia Pública*, n.4, 2011, p.45-51
- BENEVIDES, B. G; NOGUEIRA, S. N. B. (org). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: Sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond. 2006.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**: Novo Testamento. Tradução: Monges Beneditinos. São Paulo: Edição Clarentina, 2010.
- BROWN, B. **A Arte da Imperfeição**. Rio de Janeiro: Sextante, 220
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão identidade. (R.A, Trad.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 30-40.
- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.
- CUNHA, N.; BENEVIDES, B. Gisberta, 15 anos depois In: **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, M. **Os Anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.
- GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos.** Brasília, 2012.

LAURENTIS, T. de. **A tecnologia do gênero. Technologies of gender,** Indiana University Press, 1987.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista,** Petrópolis, Rio de Janeiro – RJ: Vozes, 1997.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

PARAÍSO, M A; MEYER, D. E. (org.). **Metodologias de pesquisa pós-crítica em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012, p. 195-217.

PRECIADO, P. B. Ser ‘trans’ é cruzar uma fronteira política. El país. 10 abr. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/09/cultura/1554804743_132497.html. Acesso em: 12 nov. 2021.

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade.** Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

VALENTINE, D. **Imagining Transgender.** An Ethnography of a Category. Urham: Duke University Press, 2007.

VEGAS, V.; ORTIZ, C.! **Digo! Ni Puta Ni Santa Las Memórias de la Veneno.** Espanha: Navagraf, 2016.

¹ Cristina Ortiz Rodríguez, famosa travesti espanhola na década de 1990, La Veneno, como era chamada, foi atriz, cantora e profissional do sexo. Destacou-se por ser uma figura polêmica, mas acima de tudo autêntica e muito sincera. (grifo nosso)

² Valeria Martínez Zaragoza, conhecida pelo pseudônimo de Valeria Vegas, é uma jornalista, documentarista, ensaísta, escritora, colaboradora e produtora espanhola.

³ Município da Espanha na província de Almeria, comunidade autônoma da Andaluzia; Fonte: Mapa Mundi, 2020.

⁴ Livro publicado a partir do curso do Collège de France (1974-1975). Fonte: Os Anormais, Martins fontes, 2018.

⁵ Gremlins são criaturas endiabradas, que têm uma risada sinistra e diabólica. (grifo nosso).

⁶ Hipnos, o deus do sono. Fonte: KURY, Mário da Gama. Dicionário de mitologia Grega e Romana, 8ª ed. Zahar, 1990.

⁷ Autor da obra Orientações sobre Identidade de Gênero: Conceitos e termos.

⁸ Apresentador, periodistas, produtor e escritor espanhol que trabalhou na rede televisiva Telecinco na Espanha.

⁹ Nos textos babilônicos, Lilith era “a prostituta do templo de Istar”, um demônio feminino que causava a queda dos homens através da sedução. Como deusa, Lilith estava associada à lua, ao adultério, à morte (aborto) e a doenças sexualmente transmissíveis (Bíblia Sagrada, Isaías, 34).

¹⁰ Poeta mineiro de Belo Horizonte (MG), trans não binário, autista, artista, biólogo, poeta, professor escritor, ator, artista plástico e músico. Foi vencedor do Slam MG em 2018 e é o atual campeão brasileiro de slam, vencendo o Slam BR 2018 e representando o Brasil na Copa do Mundo, em Paris. Participa da Coletiva Manas, do Sarau Comum e do Coletivo. Começou a participar de slams em 2016. Já publicou 14 zines de forma independente.

¹¹ Tribo britânica que habitou a área que corresponderia aproximadamente ao atual condado de Norfolk (Inglaterra), entre os séculos I a.C. e o I d.C. Fonte: Arqueologia Pública, 2011.

¹² Rainha Celta guerreira dos Eteni, uma tribo de druidas e caçadores, conduziu o seu povo na revolta final e sangrenta contra os exércitos ocupantes de Roma, naquilo que foi o culminar de perto de duas décadas de resistência. Fonte: Arqueologia Pública, 2011.